

CIÊNCIA E SOCIEDADE

Ao que parece nada há de mais gratuito do que a afirmação hoje muito encontradiça de que “a questão da **qualidade de vida** é uma questão burguesa, nada mais”. Ouve-se isto de não poucos homens de pensamento. Ora, que coisa surpreendente ! Não precisamos mais preocupar-nos com **qualidade**. Conseqüentemente, dá para perguntar se então podemos dispensar qualquer atividade que não se traduza por produção numérica. Afirmações do tipo da que inicialmente se mostrou, preocupam muito, pois, as extralimitações são sempre sinais de um esgotamento da criatividade filosófica. Vale dizer: há limite para tudo, até para os “vanguardismos” que se enunciam mas não se fundamentam. Há fronteiras para além das quais o pensamento se transmuta em delírio, a liberdade se faz em anomia, o alimento se transforma em veneno. Só muito raramente criar é sair dos limites. Com muito maior freqüência, criar é relacionar e articular de forma nova elementos até antigos que se encontram no interior dos limites do cotidiano. A **qualidade** da vida que temos é questão essencial e se encontra presente sempre, na história. Hoje olhamos para isto mais assustados apenas porque a Ciência e a Técnica, que vinham prometendo mundos e fundos, de um ponto de vista objetivo cumpriram parte das promessas — deu-se o avanço de certas facilidades materiais, mas, por outro lado, criaram as maiores ameaças que hoje pesam sobre o ser humano.

Já disse o pensador que a Ciência e a Técnica são, ao mesmo tempo, as glórias e as misérias do presente século. Quanto às maravilhas e prodígios que ambas têm apresentado ao homem contemporâneo nem há o que discutir: são assustadoramente reais. A cibernética, a microcirurgia, a medicina nuclear, as aplicações cada vez mais incríveis do **laser**, as formas científicas de administração etc. Todavia, após o divórcio entre Ciência e Pensamento, que se acentua sobretudo a partir do século XVIII, começa séria tragédia para a humanidade: os desastres ecológicos que caracterizam hoje o nosso mundo.

Ingênuo é colocarmos a razão dos desastres ecológicos sobre os ombros da industrialização tecnológica tão-somente. As origens da devastação ambiental estão, na verdade, no chamado **advento da ciência experimental**, que significou uma mudança completa de mentalidade. Todas as harmonias básicas da natureza, antes tidas por sagradas e nas quais não devíamos interferir, sofreram a intervenção da curiosidade e da ambição humanas, a partir de que a natureza passou a ser vista — de Galileu em diante — como massa neutra de matéria para ser pesquisada e “modelada”

segundo as "necessidades" humanas. Evidentemente, tudo piorou de vez quando se percebeu que a Ciência era uma função economicamente explorável.

O que fica, para a nossa meditação, é o fato de que nunca o homem foi tão evoluído científica e tecnologicamente como hoje e, ao mesmo tempo, provavelmente nunca tenha sido tão infeliz. O que os filósofos hoje pretendem discutir não é o valor intrínseco da Ciência, mas **os dogmas que fundamentam sua prática e seu desenvolvimento**. Nesta discussão estará, queiram ou não alguns "vanguardistas", a questão da qualidade de nossa vida.

Para iniciar uma meditação tão urgente, este número da **Reflexão** tem nomes muito autorizados: Moacir Gadotti, Hilton Japiassu, Michel Thiollent, Francisco Paula Souza, Maria Guadalupe de La Concha Leal, Antonio Mitre, Alexandre Fradique Morujão (um amigo da Universidade de Coimbra) Constança Marcondes César e Elisabete Marchesini de Pádua. A questão recebe tratamento de muitos ângulos: o político, o epistemológico, o social amplo, o metafísico, o psicanalítico e o comparativo.

Eis por que a Redação não esconde seu entusiasmo pelo nível filosófico-científico do presente número, que agora passa às mãos dos leitores da **Reflexão**, para o seu juízo e avaliação.

A REDAÇÃO